

# **A TRANSIÇÃO DO CSA BRITÂNICO PARA O NORTE-AMERICANO: ANÁLISE COMPARATIVA PARA A CRISE ATUAL**

**Rosângela de Lima Vieira<sup>96</sup>**

A crise econômica mundial, de 2008, ainda não acabou. Deflagrada no setor imobiliário norte-americano, propagou-se para outros setores da economia e regiões do mundo. Na Europa: Portugal, Espanha e em maiores proporções a Grécia sofreram e sofrem ainda as consequências dela. A China tem convivido com a redução das taxas de seu crescimento. A América Latina, e em especial o Brasil, passam há mais de dois anos pelo decréscimo de sua economia, aumento do desemprego, depreciação da moeda e retorno de taxas de inflação próximas a 10% ao ano. Não há indícios de uma conjuntura em que se possa indicar a superação da crise. Muito pelo contrário, passados quase 8 anos, a crise permanece atual, nítida e presente.

Diante disso uma questão se põe enfaticamente: seria a atual crise econômica mais uma crise passageira ou estaríamos numa crise mais profunda, a qual alguns analistas identificariam com a fase terminal do Ciclo Sistêmico de Acumulação (CSA) liderado pelos Estados Unidos?

Nossa intenção aqui se constitui em fazer uma análise histórica comparativa, buscando elementos de outras crises do capitalismo para pensarmos a magnitude da atual crise. Retomaremos o processo de transição do CSA britânico para o norte-americano para extrair dele elementos históricos que nos ajudem pensar a conjuntura contemporânea. O estudo terá como referência os autores basilares da abordagem ‘Economia Política do Sistema Mundo’ (EPSM): Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi<sup>97</sup>.

O percurso está desenvolvido em três segmentos. De início apresentaremos uma breve caracterização da abordagem da EPSM e de seus princípios analíticos; a seguir retomaremos a análise de Arrighi sobre a transição da hegemonia britânica para a norte-americana; e por fim articularemos as contribuições de Arrighi para pensar a crise atual.

---

96 Professora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista / campus de Marília (SP).

97 Em parte essa análise está presente no artigo “Crise atual: observações a partir da Economia Política dos Sistemas-Mundo”, in: Crise do capitalismo global no mundo e no Brasil; SANTOS, Agnaldo dos et alli. Bauru, SP: Canal6, 2013. 310 p. Disponível em:

<[https://estudosglobalizacao.files.wordpress.com/2013/10/ebook\\_crise-do-capitalismo-global-no-mundo-e-no-brasil.pdf](https://estudosglobalizacao.files.wordpress.com/2013/10/ebook_crise-do-capitalismo-global-no-mundo-e-no-brasil.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2015.

## 1. Princípios analíticos da EPSM

A partir de três princípios analíticos fundamentais transcorrem as análises da Economia Política dos Sistemas-Mundo. São eles: - os estudos são necessariamente históricos, numa leitura de longa duração e utilizam o método comparativo; - a interdisciplinaridade constitui-se como essencial para a amplitude dessas análises, assim, embora aspectos econômicos sejam preponderantes, as demais dimensões (políticas, culturais, militares, etc.) não são abandonadas; e - o aspecto relacional entre o que classicamente é identificado como global e local estabelece outro princípio constitucional dessa abordagem.

A partir desses pressupostos, os autores observam que as crises do sistema capitalista têm sido constantes e notam “[...] um ciclo alternado de expansões e estagnação. E estes ciclos incluíam flutuações de tal relevância e regularidade que seria difícil crer que não eram intrínsecos ao funcionamento do sistema.” (WALLERSTEIN, 1985, p. 29) Disso resultou, entre outras consequências, uma realocação geográfica.

Tal realocação geográfica tinha como principal atrativo a mudança para uma área com custos mais baixos de trabalho, embora, do ponto de vista da área para a qual se mudava a indústria, tal indústria usualmente implicasse um aumento do nível salarial de alguns setores da força de trabalho. Estamos atravessando exatamente agora uma realocação mundial maciça das indústrias siderúrgica, automobilística e eletrônica. Este fenômeno de realocação desde o início foi parcela e parceiro do capitalismo histórico. (IDEM, p. 30).

E segundo Wallerstein, “[...] as novas incorporações ao sistema mundial do capitalismo tendiam a ser correlatas às fases de estagnação na economia mundial [...]” (1985, p. 34)

Os ciclos alternados de expansões e estagnações, como essenciais ao processo histórico do capitalismo, também estão presentes na análise de Fernand Braudel, a partir do conceito de economia-mundo. Tais ciclos levam à alternância do centro de acumulação.

Seja Amsterdam substituindo Antuérpia, Londres sucedendo Amsterdam ou, por volta de 1929, Nova York ultrapassando Londres, a cada vez é uma enorme massa de história que muda de rumo, revelando as fragilidades do equilíbrio anterior e as forças do que vai estabelecer-se. Podemos de antemão suspeitar que todo o círculo da economia-mundo é assim afetado e que as repercussões nunca são unicamente econômicas. (BRAUDEL, 1996, p. 22).

Foi, contudo, Arrighi quem cunhou o conceito de Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA) para analisar em conjunto e ao mesmo tempo cada uma das economias-mundo de Braudel. Segundo ele, os CSAs são unidades de análise mais ‘maneáveis’ construídas a partir

das contribuições braudelianas, sobretudo, o conceito de capitalismo como um processo histórico de longa duração e enquanto o terceiro andar da economia<sup>98</sup>.

Os ciclos sistêmicos de acumulação derivam

[...] diretamente da ideia braudeliana do capitalismo como a camada superior “não especializada” da hierarquia do mundo do comércio. Nessa camada superior é que se fazem os “lucros em larga escala”. Nela, os lucros não são grandes apenas porque a camada capitalista “monopoliza” as atividades econômicas mais lucrativas; mais importante ainda é o fato de que a camada capitalista tem a flexibilidade necessária para deslocar continuamente seus investimentos das atividades econômicas que estejam enfrentando uma redução dos lucros para as que não se encontrem nessa situação. (ARRIGHI, 1996, p. 8)

Arrighi também esclarece que ao decompor esses cinco longos séculos em quatro CSAs: Gênova, Holanda, Grã Bretanha e Estados Unidos – refere-se “[...] ao sistema como um todo, e não a seus componentes”. E também explica que concentrar-se “[...] nas estratégias e estruturas dos agentes governamentais e empresariais genoveses, holandeses, britânicos e norte-americanos deve-se exclusivamente à posição central que ocupam, de forma sucessiva, na formação dessas etapas.” (ARRIGHI, 1996, p. XI). Ou seja, a economia capitalista é mais ampla tanto geograficamente, quanto no que se refere a seus agentes. E, embora os centros hegemônicos de cada CSA recebam certa ênfase já que o processo é capitaneado por cada um deles é importante ressaltar que tendencialmente cada modelo buscou estratégias para expandir-se o máximo possível pelo planeta. Segundo Arrighi,

O principal objetivo do conceito de ciclos sistêmicos é descrever e elucidar a formação, consolidação e desintegração dos sucessivos regimes pelos quais a economia capitalista mundial se expandiu, desde seu embrião subsistêmico do fim da Idade Média até sua dimensão global da atualidade. (ARRIGHI, 1996, p. 10).

A observação de expansões materiais seguidas de expansões financeiras reiteradas vezes levou à concepção dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação. Ou seja, cada ciclo passou inicialmente por uma fase de intensificação de sua acumulação pela produção e/ou circulação e em seguida parte significativa de sua acumulação deslocou-se para a esfera financeira.

Também se deve destacar que os ciclos sistêmicos de acumulação consecutivos superpõem-se parcialmente. Quando o ‘antigo’ ciclo entra na fase financeira – ou seja, as taxas de lucratividade pendem para os negócios financeiros – o que causa um deslocamento dos investimentos de capitais para esse setor; um ‘novo’ ciclo começa se desenhar a partir de uma expansão material – o que pode ser por causa de novos produtos, por exemplo –, e que lentamente começa a atrair investimentos. (ARRIGHI, 1996, p. 6).

---

98 Para Fernand Braudel a economia se apresenta historicamente em três níveis: o primeiro andar, a economia das trocas simples; o segundo andar, a economia de mercado; e o terceiro nível, o capitalismo. Este último caracterizado por um vasto conjunto de estratégias na busca do maior lucro possível, o que inclui a fuga da ‘lei de mercado’ da oferta e procura.

Os quatro ciclos citados são apresentados por Arrighi em um gráfico<sup>99</sup>, demonstrando visualmente essa sucessão e a superposição parcial dos ciclos sistêmicos de acumulação, quando ocorre a expansão financeira do CSA em vigor começa concomitantemente uma nova expansão material que poderá constituir-se em um ‘novo’ CSA. Segundo ele,

O aspecto principal do perfil temporal do capitalismo histórico aqui esquematizado é a estrutura semelhante de todos os séculos longos. Todos esses constructos consistem em três segmentos ou períodos distintos: (1) um primeiro período de expansão financeira [...], no correr do qual o novo regime de acumulação se desenvolve dentro do antigo, sendo seu desenvolvimento um aspecto integrante da plena expansão e das contradições deste último; (2) um período de consolidação e desenvolvimento adicional do novo regime de acumulação [...], no decorrer do qual seus agentes principais promovem, monitoram e se beneficiam da expansão material de toda a economia mundial; e (3) um segundo período de expansão financeira, no decorrer do qual as contradições do regime de acumulação plenamente desenvolvido criam espaço para o surgimento de regimes concorrentes e alternativos, um dos quais acaba por se tornar [...] o novo regime dominante. (ARRIGHI, 1996, p. 219-220)

Outra contribuição de Arrighi é a distinção entre crise sinalizadora e crise terminal desse regime de acumulação:

[...] chamaremos o início de cada expansão financeira – e, por conseguinte, de cada século longo – de “*crise sinalizadora*” do regime de acumulação dominante. É nesse momento que o agente principal dos processos sistêmicos de acumulação começa a deslocar seu capital do comércio e da produção, em quantidades crescentes, para a intermediação e a especulação financeiras. Essa passagem é a expressão de uma “crise”, no sentido de que marca um “ponto decisivo” um “momento crucial de decisão”. Essa crise é o “sinal” de uma crise sistêmica subjacente mais profunda, que, no entanto, a passagem para as altas finanças previne temporariamente. (ARRIGHI, 1996, p. 220.)

Essa fase leva a uma acumulação de riquezas e de poder e ocorreu em todos os ciclos sistêmicos de acumulação.

No entanto, por mais maravilhoso que esse momento possa ser para os que se beneficiam do fim da expansão material da economia mundial, ele nunca representou uma solução duradoura para a crise sistêmica subjacente. Ao contrário, sempre foi o preâmbulo de um aprofundamento dessa crise e da eventual superação do regime de acumulação ainda dominante por um novo regime. Chamamos ao evento ou série de eventos que levam a essa superação final de “*crise terminal*” do regime de acumulação dominante [...]. (ARRIGHI, 1996, p. 220)

Veremos a seguir que os estudos das transições dos ciclos sistêmicos não apenas revelam a história econômica passada, mas subsidiam uma compreensão mais ampla do presente. Especificamente, as características da passagem do CSA britânico para o norte-americano, apresentadas por Arrighi, oferecem elementos comparativos para a análise da atual conjuntura<sup>100</sup>.

---

99 Cf. Arrighi, p.219.

## 2. Transição do CSA britânico para o norte-americano<sup>101</sup>

O modelo britânico – chamado por John Gallagher e Ronald Robinson de ‘imperialismo de livre comércio’, ou “[...] um sistema mundial de governo que se expandiu e suplantou o Sistema de Vestfália” (ARRIGHI, 1996, p. 53) – foi uma centralização sem precedentes do poder mundial nas mãos de um único Estado, o Reino Unido, por mais de um século.

Por sua vez, o imperialismo de livre comércio estabeleceu o princípio de que as leis que vigoravam dentro e entre as nações estavam sujeitas à autoridade superior do ‘mercado mundial’ regido por ‘leis próprias’. Esse poder foi resultante da adoção *unilateral* de uma prática e uma ideologia de livre comércio pelo Reino Unido. Ainda combinando a expansão territorial ultramarina com o desenvolvimento de uma indústria de bens de capital no país, essa política tornou-se um poderoso instrumento de governo de toda a economia mundial. Ao abrirem seu mercado interno, os governantes britânicos criaram redes mundiais que dependiam da expansão da riqueza e poder do Reino Unido, e de fidelidade a ela. Assim, pode-se dizer que o capitalismo mundial, sob a égide britânica, foi ao mesmo tempo um império mundial e uma economia mundial. Isso se perpetuou da segunda metade do século XVIII até o fim do século XIX e início do XX, quando forma-se a conjuntura de crise do CSA britânico.

Para Arrighi, o Reino Unido exerceu as funções de governo mundial até o fim do século XIX. De 1870 em diante, começou a perder o controle e a Alemanha e os EUA iniciam sua ascensão na economia mundial.

Os desafios alemão e norte-americano ao poderio mundial britânico fortaleceram-se mutuamente, comprometeram a capacidade da Grã-Bretanha de governar o sistema interestatal e acabaram levando a uma nova luta pela supremacia mundial, com uma violência e morbidez sem precedentes. (p. 59).

Os EUA estavam numa posição muito melhor do que a Alemanha. Suas dimensões continentais, insularidade e dotação eram extremamente favoráveis de recursos naturais, bem

---

100 Conjuntura aqui no sentido braudeliano, período de duração média duração (de algumas décadas). Para maiores detalhes ver VIEIRA, R. Como fazer ‘Análise de Conjuntura’ numa abordagem histórica, in: CORSI, F. L., CAMARGO, J. M. e SANTOS, A. (orgs.) *A Conjuntura econômica e política brasileira e argentina*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 15-24.

101 Sobre estes dois CSAs, será retomada a análise feita do G. Arrighi em: *O longo século XX: dinheiro poder e as origens de nosso tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Publicado pelas Editoras: Contraponto e Unesp em 1996. Cf. os capítulos: As três hegemonias do capitalismo histórico (p. 27 - 85), Indústria, imperialismo e a “interminável” acumulação de capital (p. 163 - 243), O longo século XX (p. 247 - 335) e o Epílogo: Pode o capitalismo sobreviver ao sucesso? (p. 337 - 371).

como a política – sistematicamente seguida por seu governo – de manter as portas do mercado interno fechadas aos produtos estrangeiros, todavia, abertas ao capital, à mão de obra e à iniciativa do exterior. Tal conjuntura transformou o país no maior beneficiário do imperialismo britânico de livre comércio (p. 61). Além disso, tanto a primeira quanto à segunda guerra mundial aceleraram o processo de hegemonia dos EUA.

A partir de 1915, a demanda britânica por armamentos e máquinas somente pode ser atendida pelos EUA, o que deu a este, direitos sobre as receitas e ativos britânicos. A expansão material norte-americana, iniciada por volta de 1870, é concomitante à expansão financeira britânica e com a ‘Grande Depressão’ (1873-1896). Salienta, Arrighi:

Como todos os séculos anteriores, o longo século XX compõe-se de três seguimentos distintos. O primeiro começa na década de 1870 e se estende até 1930, isto é, desde a crise sinalizadora até a crise terminal do regime britânico de acumulação. O segundo vai da crise terminal do regime britânico até a crise sinalizadora do regime norte-americano – uma crise que podemos situar por volta de 1970. E o terceiro e último segmento vai de 1970 até a crise terminal do regime norte-americano.<sup>102</sup> (p. 220-1).

As duas grandes guerras (1914-18 e 1939-45) são fenômenos históricos peculiares à crise terminal do ciclo britânico e da disputa para sucedê-lo.

Com o fim da segunda guerra, os EUA haviam acumulado imensos créditos (p. 278-9), que lhe davam o ‘monopólio da liquidez mundial’. E mais, com o fim da guerra, já estavam estabelecidos os principais contornos desse novo sistema mundial: em Bretton Woods foram estabelecidas as bases do novo sistema monetário internacional; em Hiroshima e Nagasaki, novos meios de violência; e com a Carta das Nações Unidas, as novas normas e regras de legitimação novo regime de acumulação (p. 278 a 284).

O modelo norte-americano é assim caracterizado, pelo autor:

[...] o livre comércio ideologizado e praticado pelo governo dos Estados Unidos, em todo o período de seu predomínio hegemônico, tem sido, antes, uma estratégia de negociação intergovernamental – bilateral e multilateral – sobre a liberalização do comércio, visando basicamente abrir as portas das outras nações aos produtos e às empresas norte-americanos. (p. 71)

E “[...] com isso, atingiu-se um grau muito mais amplo de livre comércio *multilateral* sob a hegemonia norte-americana, comparado ao da britânica.” (p. 72). E o ‘livre comércio’ garantiu privilégios aos EUA, uma vez que sendo mais produtivo e competitivo conquistou todos os mercados que lhes interessaram.

---

102 Arrighi distingue dois tipos de crise: a *sinalizadora* e a *terminal*. A primeira indica uma tendência dentro do ciclo, a segunda leva a uma transformação mais profunda no sistema, o que inclui a troca do centro hegemônico.

Outra característica do modelo norte-americano: as empresas multinacionais. Enquanto as Companhias de Comércio e Navegação dos séculos anteriores eram instrumentos altamente maleáveis da expansão do Estado, “[...] as empresas multinacionais do século XX não o são. Longe de serem tais instrumentos à disposição do poder estatal, estas empresas cedo transformaram-se no limite mais fundamental desse poder.” (p. 317) Elas não se situam acima dos interesses estatais, deslocam-se na direção da melhor lucratividade, independentes das necessidades nacionais.

### **3. A crise econômica atual**

Segundo Arrighi, no decorrer de um Ciclo Sistêmico de Acumulação, há crises sinalizadoras e terminais. Como se viu em citação anterior, a cronologia do CSA norte-americano identifica a década de 1970 como sua crise sinalizadora. Ele se refere à expansão financeira dos anos 70 e 80 do século passado, que tal como vem ocorrendo desde o século XIV, sucede

[...] como reação característica do capital à intensificação das pressões competitivas que decorrem, invariavelmente, de todas as grandes expansões do comércio e produção mundiais. A escala, o âmbito e a sofisticação técnica da atual expansão financeira são, é claro, muito maiores que os das expansões anteriores. (p. 309.)

Expansões financeiras, como se viu anteriormente, coincidem com a crise terminal de um CSA vigente e com a expansão material de um novo ciclo de acumulação.

Da década de 70 em diante, houve várias crises que têm desestabilizado a hegemonia norte-americana. E segundo Arrighi, a arrancada financeira da economia mundial constitui-se “[...] num aspecto integrante e precoce dessa crise.” (p. 310), ou seja, demonstra a tendência de uma crise terminal prematura do CSA norte-americano.

Para Arrighi (p. 321 e 324), a financeirização exacerbada criou dificuldades e as alternativas de solução concorreram para novos problemas. Por exemplo, a flexibilização das taxas de câmbio, permitiu certa expansão do capital norte-americano, além de livrá-los das restrições do balanço de pagamentos (inerente às taxas fixas de câmbio). Todavia, para se protegerem das variações decorrentes da flexibilização, “[...] as empresas não tinham alternativa senão recorrer à maior diversificação geopolítica de suas operações.” Ou seja, elas se tornaram ainda mais multinacionais. E, além disso, para maior proteção a curto prazo, elas aumentaram ao mesmo tempo sua participação nas transações financeiras. Isso provocou uma cisão mais pontual, uma dissociação mesmo, dos interesses do capital e do Estado. O primeiro

desviando-se para países mais rentáveis, possível pela “[...] completa liberalização dos empréstimos e investimentos privados norte-americanos no exterior, reforçaram as tendências que impulsionavam o crescimento explosivo dos mercados monetários *offshore*.” Contraditoriamente, o Estado norte-americano minado tentou “[...] incitar o capital a manter em andamento a expansão material da economia mundial capitalista centrada nos Estados Unidos [...]”.

Decorrente desse processo há, segundo Arrighi, nitidamente uma “[...] redução da defasagem no grau de industrialização entre os países de alta renda, por um lado, e os de renda baixa e média, por outro...” (p. 347). O que pode ser interpretado como uma expansão material preponderantemente, mas não exclusivamente, asiático (p. 351). Em outras palavras: “[...] um regime de acumulação emergente. Como todos os regimes emergentes que acabaram gerando uma nova expansão material da economia mundial capitalista, este último também é um subproduto do regime anterior.” (p. 362). Ou seja, das contradições capitalistas do CSA vigente surgem iniciativas de investimento em outros setores e/ou regiões que modelam um novo regime de acumulação, dada a lucratividade advinda da expansão material impulsionada pelo ‘freio’ existente no regime em declínio.

Pode-se destacar que “[...] o principal aspecto estrutural do regime emergente ainda é o abastecimento de mercados ricos com produtos que incorporam a mão-de-obra barata dos países pobres.” (p. 363). Tal aspecto mantém o padrão de consumo da sociedade norte-americana, porém não é reproduzido nas regiões emergentes, mantendo, portanto, um grau de subordinação e interdependência entre elas. Nitidamente, trata-se de relações de mão dupla. O regime ‘antigo’ sustenta-se pelo sucesso do novo padrão de produção emergente; este por sua vez é bem sucedido na medida em que os EUA permanecem na condição de consumidor exemplar.

A primeira edição obra *The long twentieth century* é de 1994 logo, as crises surgidas nesse atual século<sup>103</sup> não estão analisadas. E elas ao se somarem podem estar indicando a passagem da fase de crise sinalizadora para a crise terminal do atual CSA.

Giovanni Arrighi (falecido em 2009) deu continuidade à sua análise da conjuntura até o início desse século. Em conjunto com Beverly Silver produziu o texto intitulado “O fim do

---

103 A crise mais aguda, conhecida como ‘bolha imobiliária’ de 2008/09, deflagrada nos EUA, tem de fato desencadeado uma crise mais alargada geográfica e economicamente. O que pode ser observado cotidianamente nos jornais, ora mais nítido na zona do Euro, ora na América Latina. A referida crise, chamada de crise de *subprime*, caracteriza-se exatamente como a ponta do iceberg, ou seja, o ápice da financeirização, resultante do rebaixamento das exigências para a ampliação do mercado consumidor de empréstimos imobiliários. O que demonstra claramente a impossibilidade de manter a expansão financeira *ad infinitum*, como alternativa para a manutenção das taxas de lucro e acumulação.

longo século XX”, publicado em 2012<sup>104</sup>. Nele, Arrighi e Silver refletem sobre a possível transição hegemônica. Os autores mostram que uma importante anomalia da presente transição é a bifurcação sem precedentes na localização geográfica dos poderes financeiro e militar.

As corporações multinacionais estadunidenses têm investido maciçamente na China, repetindo o padrão histórico observado por Marx em que os centros em declínio transferem capital excedente para os centros em ascensão. Contudo, em uma ruptura importante com padrões do passado, o fluxo líquido do capital excedente, desde o início da expansão financeira liderada pelos Estados Unidos, tem sido do centro econômico em ascensão para o centro econômico em declínio, mais notoriamente na forma de compras maciças de bônus do Tesouro Americano realizadas pelo Leste Asiático, primeiro pelo Japão e depois pela China. Da mesma forma que nas transições hegemônicas do passado, o *hegemon* em declínio (os Estados Unidos) se transformou de maior nação credora em maior nação devedora. Essa transformação, no caso dos Estados Unidos, aconteceu em escala e velocidade sem precedentes. (p. 90)

Tal fenômeno assemelha-se ao processo de transição da hegemonia britânica e a ascensão dos EUA como vimos anteriormente. E pela utilização da análise comparativa, outros elementos se revelam à análise, como a questão da hegemonia militar norte-americana.

Segundo Arrighi e Silver,

[...] os recursos militares de relevância global estão concentrados esmagadoramente nas mãos dos Estados Unidos. Não há sinais críveis de que os estados em ascensão econômica, incluindo a China, tenham a intenção de desafiar diretamente o poder militar dos Estados Unidos. Porém, ainda sem um desafio direto, os Estados Unidos não mais possuem os recursos financeiros necessários para dar suporte ao seu aparato militar no mundo (e agora conseguem fazer isso somente entrando numa dívida externa cada vez mais profunda). Além disso, como ficou claro no fracasso do projeto da administração Bush para um Novo Século Americano, a projeção do poder militar não tem sido particularmente efetiva em submeter o mundo à vontade dos Estados Unidos nem no combate à escalada de crises políticas e sociais no nível do sistema. (In: VIEIRA et alli, 2012, p. 91-2)

Arrighi e Silver advertem,

[...] porém, como já mencionamos, as expansões materiais sistêmicas anteriores somente deslancharam quando a potência econômica em ascensão foi capaz de se tornar hegemônica, no sentido Gramsciano da palavra. Isto é, conduzir o mundo à criação de arranjos institucionais globais (financeiros, geopolíticos e sociais) capazes de providenciar a segurança necessária para uma expansão material ampla. (IDEM, p. 94)

A transição será diferente dessa vez?

Obviamente estamos tendo uma oportunidade ímpar na história: observar, analisar e discutir uma possível transição hegemônica para outra, no ‘calor’ dos acontecimentos. Talvez em nenhuma outra época as pessoas tenham tido uma oportunidade similar, devido ao aparato

---

104 In: *O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo*. Coletânea organizada por Vieira, P. et alli., São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 77- 96.

teórico e metodológico que possuímos para pensar a história econômica. No entanto, o nível de complexidade em refletir sobre o tempo presente é muito alto. Buscar semelhanças e diferenças em processos análogos, para daí objetivamente contribuir para um exame da realidade vivida, constitui-se o valor do método comparativo.

Assim a partir da análise dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação, e principalmente de elementos da transição precedentes, talvez possamos contribuir com elementos para maior clareza da contemporânea crise que tanto nos incomoda.

Dentre esses elementos merecem destaque o fato de a crise econômica de 2008-9 estar se propagando por diferentes países e perdurando até este momento, o que pode indicar se tratar de uma crise terminal do CSA norte-americano e não apenas uma do tipo sinalizadora. De fato, o aspecto geográfico é um elemento considerável – a crise nascida nos EUA propagou-se por vários países, com destaque para países da zona do Euro e da América Latina; e a duração dessa turbulência também chama a atenção dos analistas – são, nesse momento, mais de 7 anos.

O período que precedeu a atual crise foi de inigualável expansão financeira e as últimas décadas foram acompanhadas de uma expansão material, localizada fora do centro, com preponderância da Ásia. Primeiro o Japão, depois os ‘Tigres Asiáticos’ e atualmente a China. Têm-se, então, indícios de uma transição hegemônica, lembrando que, na concepção de Arrighi: expansão financeira associada a uma ampliação da lucratividade da produção e circulação de mercadorias – que ele chama de expansão material – e deslocada do centro para regiões com matéria-prima e mão de obra de menor custo, delineiam crise terminal e transição hegemônica.

Contudo, segundo ele, a constituição de um novo centro hegemônico e consequentemente de um novo Ciclo Sistêmico de Acumulação está condicionado à possibilidade de outro sujeito histórico assumir plenamente a função de *hegemon*. Apontar seguramente esta ascensão parece ainda impossível, no momento em que estamos observando.

Pois há desafios muito grandes a serem enfrentados por aquele(s) que pleiteiem essa ascensão, segundo Arrighi e Silver, se todas as transições hegemônicas

[...] anteriores pressupunham uma reorganização política e social fundamental do sistema global (por exemplo: o fim do comércio de escravos no Atlântico sob a hegemonia britânica e o fim do colonialismo formal sob a hegemonia americana), o que o tipo de análise realizado neste capítulo sugere sobre o modelo de reorganizações fundamentais que seriam requeridas atualmente? Primeiro, uma nova hegemonia mundial (fosse liderada por um único estado, uma coalizão de estados ou um estado-mundo) teria que acomodar e promover uma maior igualdade entre o Norte Global e o Sul Global devido ao poder financeiro deste último. (In: VIEIRA et alli, 2012, p. 93)

Entretanto, a percepção do processo histórico – como testemunhas oculares que somos –, não pode olvidar a longevidade e lentidão em que foram construídas as hegemonias precedentes. Assim, a lição de que os processos históricos dessa magnitude são de longa duração com mudanças muito lentas, constituindo novas estruturas a partir daquelas existentes, não deve ser abandonada em nossas análises da conjuntura atual.

Além disso, nossa condição de sujeitos da história nos impele a uma postura otimista de podermos contribuir para o que está a ser construído seja, não apenas um novo modelo econômico, mas que seja um modelo mais justo, equânime e inclusivo. O que induz a uma responsabilidade inigualável historicamente. Principalmente quando levamos em conta, a partir dos estudos aqui apontados, que as transições anteriores se efetivaram em situação de caos sistêmico<sup>105</sup>.

### **Referências bibliográficas**

- ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro poder e as origens de nosso tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material e capitalismo: séculos XV a XVIII*. v. 3. “O tempo do mundo”. Trad. Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VIEIRA, P.; VIEIRA, R.; FILOMENO, F. A. (Orgs.). *O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *O capitalismo histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

---

105 No percurso aqui empreendido, foram enfatizados aspectos econômicos da atual crise sistêmica, porém outros elementos como por exemplo, a crise migratória sobretudo ao longo de 2015 para a Europa indicam o amplo espectro e dimensões da conjuntura em que vivemos.